

MATERIAL EDUCATIVO - MUSEU DA IMIGRAÇÃO

ALGUNS ARTISTAS MIGRANTES PARA CONHECER

REALIZAÇÃO



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa



Lavi Kasongo - Amor Materno 2022 Acrílica sobre tela.



Visita educativa na exposição de longa duração.

Nos últimos anos, grande parte da produção artística contemporânea tem questionado a visão colonial que constrói narrativas eurocêntricas, as quais se refletiram, durante muito tempo, na história da arte através de uma visão única, não diversa. Neste contexto, modos distintos de ver e representar questões históricas e sociais do presente emergem nos trabalhos de artistas em diferentes partes do mundo, ativando possibilidades e alternativas para a construção de obras marcadas pela pluralidade de vozes, representatividades e pensamentos sobre o lugar do e da artista e sobre o papel da arte. Levando isto em conta, o Núcleo Educativo do Museu da Imigração apresenta o trabalho de alguns artistas migrantes do continente africano e da América Latina, com trajetórias distintas, para refletirmos sobre os modos como as experiências migratórias influenciam (ou não) suas produções. A intenção é abrirmos espaço para professores, educadores, estudantes e demais interessados para pensarmos o lugar da arte contemporânea como território de afirmação de rotas e identidades múltiplas. O contato com a arte estabelece em nós uma conexão capaz de entendermos o mundo com maior amplitude, criando oportunidades de apreciar, de refletir e até mesmo de produzir conteúdo de teor artístico, o que enriquece o processo de formação cultural, cidadã e a maneira como interagimos no mundo.

O Núcleo Educativo do Museu da Imigração selecionou alguns artistas migrantes para apreciação e reflexão sobre várias questões que suas obras suscitam. É importante enfatizar que a opção pelo formato de entrevista teve como intuito que os e as artistas falassem em primeira pessoa (sem traduções ou interpretações) assim como o fato de que os próprios artistas escolheram as obras que gostariam de mostrar e comentar. A seguir você conhecerá os e as artistas selecionados: um pouco sobre sua biografia, seu trabalho e imagens de algumas obras que escolheram compartilhar.



Francisca Rendas da pandemia.2021. Técnica mista sobre papel.

FRANCISCA NZENZE DE MEIRELES

MINIBIOGRAFIA

Francisca Nzenze de Meireles nasceu em 1978, em Angola. Muito cedo mudou-se com a família para Portugal, onde fez os primeiros estudos. De regresso a Angola, estudou jornalismo e relações internacionais. A aptidão para o desenho se manifestou na infância e, aos poucos, foi ampliando o seu interesse pelo mundo das artes. Com percurso praticamente de autodidata, suas outras ocupações cederam naturalmente lugar para o ofício de artista plástica. Atualmente atua como ilustradora e professora de aquarela, com trabalhos publicados pela Folha de São Paulo, Editora Record, Editora Voo, Editora Inteligência Educacional, Editora Nzila e Companhia das Letras. Expõe regularmente seus quadros e ilustrações em galerias e feiras de arte.



Francisca Confissões de uma máscara. 2022. Técnica mista sobre papel.

ENTREVISTA

1. Quais fatores a levaram a migrar? Por que o Brasil?

Casei-me e constituí família com um brasileiro, portanto o meu motivo, ou os fatores que me trouxeram ao Brasil, podem ser descritos como "por opção", por escolha.

2. Do que você mais sente falta do seu país de origem?

Sinto falta do restante da minha família e do convívio com amigos de longa data.

3. O que você mais estranhou ao chegar no Brasil?

Nada. Falamos a mesma língua lá em Angola. Quando vim para o país vivi na Bahia e fui muito bem acolhida desde o primeiro dia. E Salvador e Luanda são muito semelhantes no tocante ao clima, às pessoas, a alimentação.

4. Você já produzia arte em seu país ou começou quando chegou ao Brasil? Poderia nos contar um pouco sobre isso?

Já produzia arte mas em pequena escala. Participei de poucas exposições coletivas e illustrei um livro infantil. Eu trabalhava principalmente como jornalista e, mais adiante, cursei Relações Internacionais.

5. O contexto de migração influencia seu trabalho artístico? Caso a resposta seja afirmativa, de que maneira?

Não consigo afirmar 100% até porque eu trago muito da minha cultura para as obras que faço, mas como é um trabalho sempre em evolução eu vou absorvendo tudo o que me passa pelo caminho. Aqui no Brasil eu fiz aulas de sumi-e e adotei muito da cultura japonesa no meu trabalho. Cresci em Portugal e tenho parte dessa cultura no meu repertório pessoal, enfim. Sou de Angola e sou cidadã do mundo.

ENTREVISTA

6. As experiências e processos migratórios influenciam as escolhas conceituais e técnicas da construção de suas obras?

Eu posso dizer que sou uma imigrante privilegiada. As condições que me trouxeram até aqui fazem parte de um contexto muito comum para grande parte das pessoas. Não emigrei por causa de guerra, fome ou perseguição política. A arte que produzo aqui para o mercado do Brasil não vai refletir o mesmo que a arte que penso exclusivamente para o meu país. Tenho liberdade de fazer o tipo de arte que quiser. Posso fazer quadros sobre dor ou sobre beleza, posso pintar simplesmente o retrato de uma mulher tranquila, ela não precisa dizer que tem fome, raiva ou medo, posso desenhar uma cena de dois amantes sob um baobá eles serem simplesmente isso, dois amantes retratados em aquarela. Simples assim.

7. Você poderia comentar um pouco sobre as obras escolhidas para esse material?

A primeira obra escolhida pela artista foi **“O Ballet das palancas”**: Obra inspirada num dos maiores símbolos nacionais, a palanca negra gigante (antílope raro encontrado em poucas regiões do país). Inspirada na composição de pinturas rupestres que eu admirava nos livros de história desde criança, criei uma visão de sonho, com cores vivas e na qual as palancas vibram em diferentes poses (não estagnada como costuma ser ilustrada enquanto símbolo nacional). A postura de estátua dá lugar a pulos alegres e versáteis, que é como imagino que elas sejam livres na natureza. Usei uma técnica mista com aquarela, guache e nanquim. Os traços têm influência da técnica sumi-e.

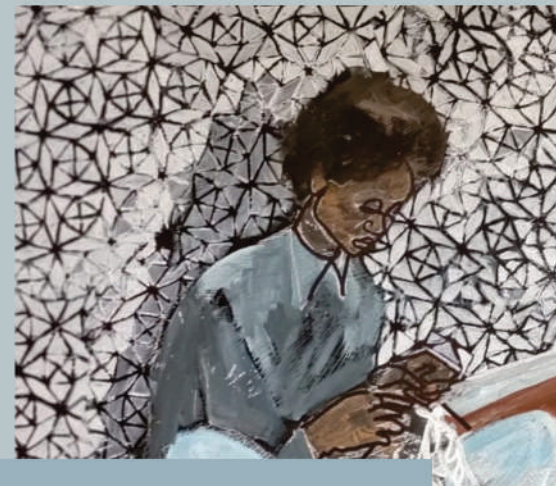


Francisa Ballet das palancas. 2022. Técnica mista sobre papel.

A segunda obra escolhida pela artista foi "Rendas da pandemia". É meio autoexplicativo. Mas posso dizer que além de ser um dos hobbies para evitar a depressão, solidão e tudo de ruim que o isolamento social trouxe, as minhas rendas da pandemia não seguem o padrão de decoração que normalmente se encontram nas rendas e tricôs. Eu usei palavras que passavam vezes sem conta nos noticiários, nas redes anti sociais e na minha cabeça. Desde a morte de Jorge Floyd por policiais racistas nos EUA, a letras do hit musical da vez, passando por receitas de pão caseiro, a palavras sem sentido e aleatórias. Enfim uma amálgama de dor e confusão numa peça de renda que não tem fim.

A terceira obra escolhida pela artista foi "**Confissões de uma Máscara**": O uso de máscaras na cultura africana está muito ligado a rituais e eventos nos quais o indivíduo mascarado desempenha uma sorte de papéis. Ele ou ela tanto pode dançar para afastar maus espíritos ou agir como o próprio espírito!

A terceira arte que escolhi faz parte de uma série de obras que explora o uso de máscara para esconder identidade ou para revelar essa mesma identidade. Um duelo entre modernismo e fundamentalismo cultural que critica a mulher que decide alisar o cabelo crespo, mas também critica aquela que decide usar penteados tradicionais e encontra dificuldade de se "inserir" na sociedade dita "atual".



Francisca Rendas da pandemia.2021. Técnica mista sobre papel

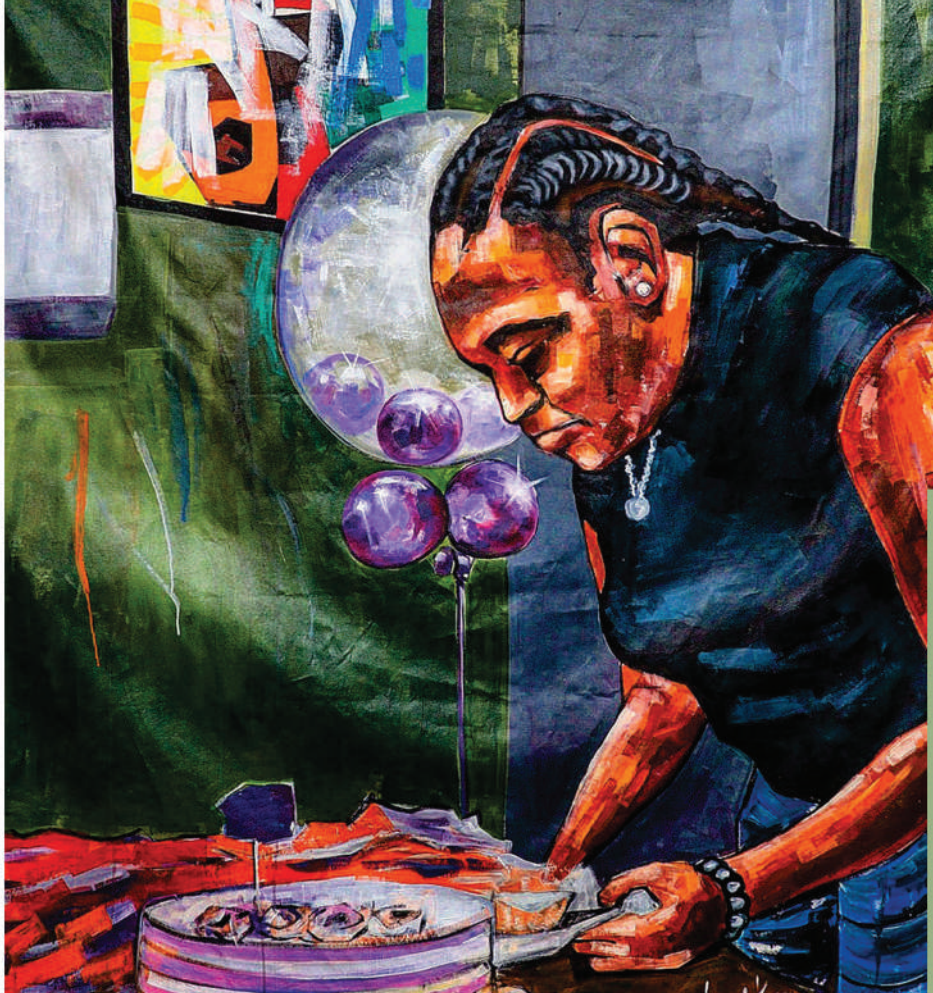
PARA CONHECER MAIS:

Se você gostou de conhecer um pouco sobre a vida e a obra desta artista pode acessar suas redes sociais:

Instagram: [francisca_nzenze](#)

Facebook: [kindumbadaana](#)





Lavi Kasongo - Felicidades - 2022 - acrílica sobre tela

LAVI KASONGO

MINIBIOGRAFIA

Lavi Kasongo Lavi é natural da República Democrática do Congo. Frequentou a Académie de Beux-Arts de Kinshasa, capital do país e um dos centros urbanos e artísticos mais importantes da África Central. Vive no Brasil desde 2015 e já participou de exposições na Maison de France, no Congo, além da galeria Olido e a Pinacoteca do Estado de São Paulo, dentre outros locais, assim como a Inn Gallery. Sua produção inclui paisagens, retratos e telas abstratas em óleo e acrílico com inspiração na África, nas ruas de Kinshasa. Suas novas experiências no Brasil despertaram o espírito artístico, em São Paulo desenvolve uma nova fase, arte abstrata na rua (tapumes em construções, ruas em muros...) e uma nova identidade que vai surgir em breve desse novo trabalho, mostrando presente, passado e futuro; as pessoas crescem e envelhecem... esse é o foco! Com isso ele faz uma troca de cultura entre África e Brasil.

ENTREVISTA

1. Quais fatores o levaram a migrar? Por que o Brasil?

Eu saí do Congo Kinshasa por causa da guerra civil e da falta de oportunidade de emprego.

2. Do que você mais sente falta do seu país de origem?

Eu sinto falta da minha família, dos meus amigos e da minha faculdade de belas artes que eu tive que trancar por causa da guerra civil.

3. O que você mais estranhou ao chegar no Brasil?

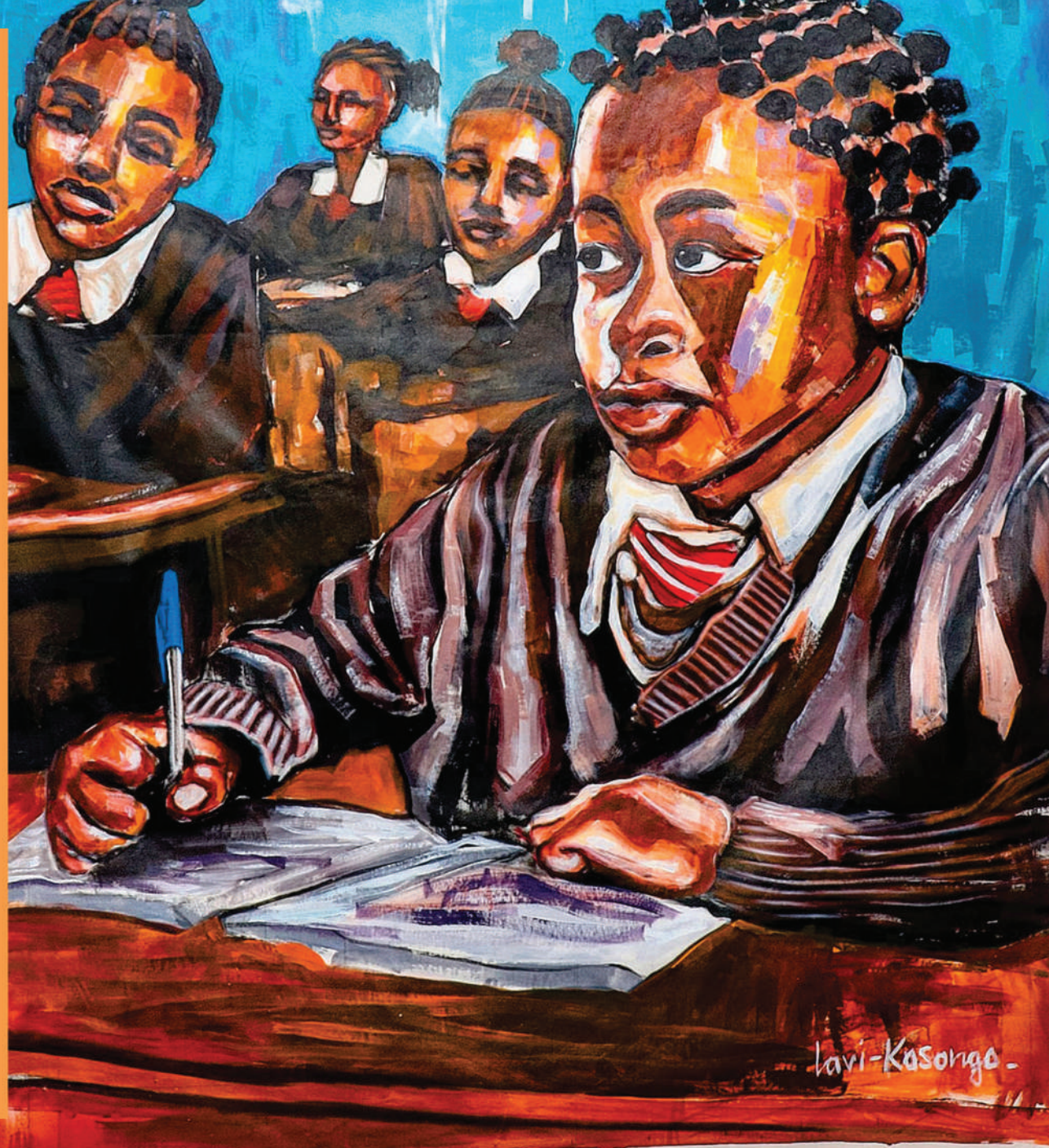
Quando eu cheguei no Brasil, na cidade de São Paulo eu estranhei o transporte, as pessoas indo trabalhar, todo mundo andando rápido correndo atrás do horário. O movimento da cidade foi muito diferente à primeira vista desta cidade, da cultura brasileira.

4. Você já produzia arte em seu país ou começou quando chegou ao Brasil? Poderia nos contar um pouco sobre isso?

Sim, eu já produzia bastante arte no meu país, fazia pintura em tela e pintura mural.

5. O contexto de migração influencia seu trabalho artístico? Caso a resposta seja afirmativa, de que maneira?

Sim influencia muito meu trabalho, porque hoje a migração é uma das ferramentas do meu trabalho. Me responsabilizo muito nessa profissão de artista plástico pensando toda vez que eu deixei meu país, minha família para trabalhar e aproveitar as oportunidades que a vida nova está me dando na vida profissional.



Lavi Kasongo - To banza lobi na biso - 2022 - Acrílica sobre tela



Lavi Kasongo - Momento mais alegre - 2022 - Acrílica sobre tela

ENTREVISTA

6. As experiências e processos migratórios influenciam as escolhas conceituais e técnicas da construção de suas obras?

No início no Brasil eu pintava muito sobre a realidade que eu vivia no Congo e passava direto uma mensagem sobre a guerra do Congo e de outros países da África, mas atualmente tento produzir obras com pensamentos diferentes para trazer novas energias das pessoas que me seguem e que gostam das minhas pinturas.

7. Você poderia comentar um pouco sobre as obras escolhidas para esse material?

Em meu trabalho atual estou falando dos 3 tempos da vida: o passado, presente e o futuro. Hoje estou tentando registrar os momentos fortes da minha vida e chamar a atenção das pessoas para aproveitar as oportunidades que a vida nos dá, independente das situações que o mundo passa ou o que já passou. Precisamos viver e valorizar a família, a amizade e outras relações porque o passado que faz o presente e o presente que faz o futuro .

PARA CONHECER MAIS:

Se você gostou de conhecer um pouco sobre a vida e a obra desta artista pode acessar suas redes sociais:

Instagram:[/lavikasongo](https://www.instagram.com/lavikasongo)
Facebook:[lavi.kasongo.5](https://www.facebook.com/lavi.kasongo.5)



Natali Mamani Série Peixes 2021-2022 Técnica mista (1)

NATALI MAMANI

MINIBIOGRAFIA

Natali Mamani, Aymara, imigrante boliviana, faz experimentações em videoarte, performance e pintura. Suas obras abrangem a ciência na cosmovisão aymara, identidade e a arte como parte de um processo de cura e transformação. Formada em Jornalismo, fez o curso de Linguagens Visuais pela EAV Parque Lage. Participou das seguintes mostras: IV Bienal Del Sur Pueblos en Resistencia na Venezuela, 2a Mostra Amotara - olhares de mulheres indígenas, Mostra de Imigração CCSP, Ciclo de curtas- Manzana de las Luces (Argentina). Também participou em residência artística na Refazenda Rio Xopotó (MG, 2021), residência Impactos de Convivência no SESC Santana (2021) e Programa de orientações - POPAV, SESC (2021), exposição coletiva no Vozes Agudas, Ateliê 397 (2022). Atualmente faz parte do 32o Programa de Exposições Centro Cultural de São Paulo, (2022).

ENTREVISTA

1. Quais fatores a levaram a migrar?

Meus pais me trouxeram para o Brasil quando eu tinha quatro anos de idade, não foi algo que decidi ou que desejei. Eu era muito pequena quando meu destino foi traçado. Demorei muito para tentar entender os motivos que levaram meus pais a imigrar, e ainda tento entender. Eles queriam um futuro melhor pra mim, minha família e para eles. O que leva alguém a sair de sua terra, lugar em que cresceu e tem tantas memórias afetivas a cruzar uma fronteira ao desconhecido? Correndo perigo de vida e sem saber o que será do futuro? É um salto no escuro em busca de um sonho. Meu pais já haviam sido migrantes dentro do seu próprio país, ambos campesinos indígenas e de famílias pobres, tiveram seus destinos traçados ao nascer, era ficar no campo plantando coca ou colhendo chuños, ou sair e ir pra cidade em busca de trabalho. Minha mãe saiu dos Yugas (parte tropical de La Paz) para cidade de La Paz capital, e meu pai do altiplano (andes) para a capital também. Lá foi onde nasci, e aos quatro anos e minha mãe grávida da minha irmã, eles entenderam que ali ainda não era o lugar para nosso futuro.

2. Por que o Brasil?

Alguém disse que aqui havia trabalho. Talvez parecia um lugar mais perto do que ir pra Espanha, como muitos bolivianos foram, talvez era porque parecia fácil. Meu pai veio pra cá e ficou um ano averiguando sobre o lugar, depois trouxe minha mãe e eu. Ainda não entendo todos os motivos que os levaram a emigrar, mas acredito que é sempre sobre sobreviver.

3. Do que você mais sente falta do seu país de origem?

Por ter crescido no Brasil acredito que minhas memórias e imaginários sobre meu país de origem tornaram-se romantizadas ou meio nostálgicas. Nunca saberei 100% como é viver lá ou como é sentir falta de algo específico. Poderia dizer, "sinto falta da senhorinha X que vendia um pão delicioso na rua de casa". Mas não tenho essas memórias. Sinto falta de ter vivido lá. De ter acordado todos os dias em La Paz rodeada da Cordilheira dos Andes, sinto falta de todos os momentos que eu teria vivido com meus avós, de ter primos e primas, de Natais em família. De ir pra escola e ter muitas pessoas com histórias parecidas com a minha.



Natali Mamani - foto da videoperformance AS ASAS QUE MEUS PAIS ME DERAM 2021

ENTREVISTA

4.O que você mais estranhou ao chegar no Brasil?

Minha mãe conta que ao chegar eu reclamava de não poder ver meus primos. Que perguntava onde eles estavam, se eu podia ir brincar com eles. Acho que estranhei não saber o que estava acontecendo ou como de um dia pra outro tudo havia mudado. Ainda estranho muitas coisas no Brasil, fui criada como boliviana, mas vivi sempre com brasileiros. Hoje acho estranho não ter as memórias afetivas que os brasileiros têm, seja sobre música, comidas, festividades, formas de falar.

5.Você já produzia arte em seu país ou começou quando chegou ao Brasil? Poderia nos contar um pouco sobre isso?

Será que teria produzido arte se tivesse morado na Bolívia? Ou foi ser imigrante que me fez produzir? São perguntas que sempre me faço. A arte veio pra mim como forma de transbordar sentimentos que são muito fortes, e em sua maioria parte da minha identidade imigrante, então não sei como seria na Bolívia.

6.O contexto de migração influencia seu trabalho artístico? Caso a resposta seja afirmativa, de que maneira?

Influencia sim, porque ser imigrante é parte da minha identidade. E minha arte é sempre sobre minha identidade, em todas suas nuances e subjetividades. Em Thakhi, filme ensaio que fiz em 2020, faço um ritual de cura através da minha viagem de São Paulo à La Paz, um trabalho que fala sobre imigração, racismo e identidade. Este é um dos trabalhos que fiz diretamente sobre imigração. Hoje venho desenvolvendo uma performance sobre minha infância em uma oficina de costura, chamada "As asas que meus pais me deram", este é um ritual de cura para minha criança interior e todes que viveram algo semelhante.





Natali Mamani Série Peixes 2021-2022 Técnica mista

ENTREVISTA

7. As experiências e processos migratórios influenciam as escolhas conceituais e técnicas da construção de suas obras?

Totalmente. Mesmo quando não intencional, ser imigrante é parte da minha identidade, então está sempre no meu imaginário. Seja na escolha das músicas, cores, formas, objetos. Esses símbolos estão presentes nos meus trabalhos, sejam em vídeo, performance, pintura ou escultura. Mesmo na Série dos Peixes, sinto que o estar em frente ao desconhecido de cruzar uma fronteira é como estar num oceano profundo acreditando apenas na sobrevivência.

8. Você poderia comentar um pouco sobre as obras escolhidas para esse material?

A primeira obra escolhida pela artista foi: "THAKHI", 2020. 34 '56, filme ensaio. "THAKHI" foi exibido nas seguintes mostras e festivais: Mostra Amotara (2021), Festival Cultura Viva (2020), 10º Festival internacional do filme etnográfico do Recife, o filme também fez parte da programação "Mostra Amotara - Olhares das Mulheres Indígenas na TVE" pela TVE Bahia. É o filme ensaio que fiz da minha viagem à La Paz. Queria mostrar o amor, sensibilidade e força presente na nossa história de imigração boliviana. Cansada de ver a mídia divulgando uma imagem negativa sobre nós, queria eu mesma contar nossa história. Um pequeno olhar sobre o que é acreditar no futuro. Não somos escravos, coitadinhos, invasores ou exploradores. Somos humanos e temos muitos motivos para migrar. Muitos de nós fazem uma viagem de quatro dias com crianças e muitas bagagens, de volta pra Bolívia, só pra visitar a família, descansar e celebrar. Existe algo lindo nisso, ao mesmo tempo que existe a volta para o Brasil, a volta para o desconhecido, pois sabemos que é preciso continuar acreditando nesse futuro. Em Aymara Thakhi significa "caminho". É esse caminho o que a Natali faz do Brasil à Bolívia, do presente ao passado. Entre a saída de uma longa viagem à um final que dá início a outros rumos. Às vezes na essência andina, as lições mais importantes estão onde habitam as dualidades, nos desvios no decorrer do caminho. Um redescobrir sua existência ancestral. Link para visualização do vídeo: <https://youtu.be/kc6x77vMMRY>

A segunda obra escolhida pela artista foi: "AS ASAS QUE MEUS PAIS ME DERAM", 2'59", vídeo performance, 2021. Esta é uma performance sobre minha infância na oficina de costura. Nela apresento símbolos da oficina de costura, local que cresci, sobrepostas a fotografias da minha família. Um ritual de cura que venho desenvolvendo. Comecei esse trabalho durante uma residência que fiz durante a residência SESC Impactos de Convivência, um vídeo onde me deito sobre linhas de costura e fotos da minha família, e agora é uma performance onde carrego asas feitas de cones de costura de overloque. Crescer numa oficina de costura é algo que cria muitas lembranças boas e ruins, e me lembra uma infância difícil e dolorosa, por isso acredito que esse ritual é parte da minha cura, do meu processo de retomada da minha identidade. São as memórias que tecem meu crescimento e minha identidade, assim como falar das linhas que costuram e criar fronteiras.

A terceira obra escolhida pela artista foi a "SÉRIE DOS PEIXES", 2021-2022, série de desenhos, pinturas feitas com tinta acrílica, lápis de cor, Giz Pastel, em papel, canson e tela. Estas são pinturas que comecei a desenvolver entre 2021 e 2022, começaram como forma de acalmar minha mente durante esse período ainda pandêmico. Hoje tornaram-se formas de expressar outras nuances sobre minha identidade, de enfrentar meus medos e ansiedades sobre o futuro. Existem muitas incertezas para alguém como eu, imigrante e racializada, então os peixes me ajudam a entender os diversos caminhos que posso traçar para encontrar o meu futuro melhor. Como meus pais que cruzaram a fronteira, hoje eu cruzo outras fronteiras, todos os dias. É a força que aprendi a ter com minha mãe.



PARA CONHECER MAIS:

Se você gostou de conhecer um pouco sobre a vida e a obra desta artista pode acessar suas redes sociais:

Instagram: [@n_cmamani](https://www.instagram.com/n_cmamani)

Site: natalimamani.com



PAULO CHAVONGA

MINIBIOGRAFIA

Artista plástico, produtor cultural, grafiteiro, muralista, arte educador e professor. Do trabalho de Chavonga emergem retratos vívidos e expressões que retratam a experiência cotidiana de pessoas comuns, no Brasil e em diferentes partes do continente africano. Nascido em Angola, o forte diálogo estabelecido pelo artista com os elementos da cultura africana se expressa em suas telas, oferecendo ao público sínteses preciosas do que surge das profundezas de sua imaginação. Seus trabalhos são conhecidos pela expressão forte nos retratos e pela vibração das cores. Seu fascínio pela expressão humana e das culturas africanas resulta em estudos dos povos de lugares em que já passou. São a tradução de dias passados no Kandongueiro, no kimbo, festas de quintal, conversas em volta da fogueira.

Paulo Chavonga Sem título 2021 Acrílica sobre tela.

mi

museu da imigração
do estado de são paulo

ENTREVISTA

1. Quais fatores o levaram a migrar? Por que o Brasil?

O principal fator que me fez migrar foi querer expandir minha carreira. O Brasil é um país que influencia muito culturalmente Angola e por esse motivo escolhi vir para cá.

2. Do que você mais sente falta do seu país de origem?

O que mais sinto falta é de minha família e amigos.

3. O que você mais estranhou ao chegar no Brasil?

O racismo e a quantidade de pessoas negras e parecidas comigo, foi uma surpresa pois os filmes e novelas brasileiras as quais temos acesso em Angola é predominantemente composta por pessoas brancas.

4. Você já produzia arte em seu país ou começou quando chegou ao Brasil? Poderia nos contar um pouco sobre isso?

Sim. Desde os 7 anos de idade eu já pintava, ao longo da adolescência aprimorei minhas técnicas no núcleo de jovens pintores em minha cidade natal Benguela.



Paulo Chavonga (Da série Histórias que pintam África). Dimensão 50 x 50 cm.



Paulo Chavonga Sem título II. 2021. Acrílica sobre tela.

ENTREVISTA

5. O contexto de migração influencia seu trabalho artístico? Caso a resposta seja afirmativa, de que maneira?

Sim. Acredito que ao chegar no Brasil todo africano se depara com o racismo e comigo não foi diferente, por conta disso meu trabalho hoje traz como tema principal migração, racismo e valorização da cultura africana.

6. As experiências e processos migratórios influenciam as escolhas conceituais e técnicas da construção de suas obras?

Como dito na pergunta anterior, sim.

7. Você poderia comentar um pouco sobre as obras escolhidas para esse material?

As três obras fazem parte da minha última exposição Áfrikas: Olhares decoloniais, onde falo sobre migração contemporânea. Com o intuito de valorizar a cultura africana, desmistificar preconceitos e assim divulgar as diversas Áfricas que existem. A exposição surge através de experiências pessoais e de outros imigrantes africanos, que compartilharam comigo em conversas suas vivências como é ser imigrante no Brasil.

PARA CONHECER MAIS:

Se você gostou de conhecer um pouco sobre a vida e a obra desta artista pode acessar suas redes sociais:

Instagram: [paulochavonga](#)

Site: [paulochavonga.com](#)



TEREZINHA MALAQUIAS

MINIBIOGRAFIA

Artista brasileira formada pela Edith Maryon Kunsthochschule Freiburg (Alemanha), onde mora há 11 anos. Aos 11 anos, só que de idade, foi quando apaixonou-se pela poesia, e essa paixão virou amor. É escritora, poeta, modelo vivo, performer e pintora. Autora dos livros Modelo Vivo I e II e Menina Coco (português/alemão), participou de antologias no Brasil, nos Estados Unidos, na Alemanha e em Portugal.

Terezinha Malaquias OLHE PARA MIM...SCHAU MICH AN...
2017. Fotoperformance

ENTREVISTA

1. Quais fatores o levaram a migrar? Por que a Alemanha?

O amor me levou a migrar para a Alemanha.

2. Do que você mais sente falta do Brasil?

Da minha família e do sol.

3. O que você mais estranhou ao chegar na Alemanha?

O inverno rigoroso e demorado.

4. Você já produzia arte em seu país ou começou quando chegou à Alemanha? Poderia nos contar um pouco sobre isso?

Moro na Alemanha só há quinze anos. Faço arte e literatura a vida inteira, há mais de trinta anos. A Terezinha Malaquias artista e escritora nasceu muito antes da minha chegada à Alemanha. Só continuei o que eu já sabia fazer e amava.

5. O contexto de migração influencia seu trabalho artístico? Caso a resposta seja afirmativa, de que maneira?

Tenho apenas um trabalho que desenvolvi pensando muito nesse conceito enquanto mulher migrante. É uma performance interativa que se chama "EU POSSO PERGUNTAR / DAR ICH FRAGEN? Inclusive foi contemplado pelo departamento de cultura de Freiburg em 2020. Procuro com essa obra provocar uma reflexão sobre ser migrante. É composto por quinze perguntas dentro de uma caixinha de madeira pintada de vermelho, com tampa transparente para ler as perguntas, que são informativas, simpáticas, provocativas, desafiadoras... (Tem um vídeo no meu canal do youtube disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=c-90uMUTLhk>).

6. As experiências e processos migratórios influenciam nas escolhas conceituais e de técnicas na construção de suas obras?

Algumas vezes sim. Principalmente quando quero falar que sou uma mulher brasileira, preta, vivendo na Europa e fazendo artes com toda a bagagem que eu sou. Vivências e experiências. Costumo falar que a minha vida e a arte não tem separação. Arte vida. Vida arte.



ENTREVISTA

7. Você poderia comentar um pouco sobre as obras escolhidas para esse material?

A primeira obra escolhida pela artista foi: "FLORES PARA QUEM PARTIU - ABRAÇOS PARA QUEM FICOU" (Vídeo gravado com câmera Canon e celulares) – 2022, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=fevZwLJNgcl&t=18s> – () Nesse vídeo eu estava há meses querendo fazer um trabalho em homenagem às vítimas da Covid19. Queria algo lúdico e poético. Criei o conceito e desenvolvi durante uma residência artística online com artistas italianas e brasileiras.

A segunda obra escolhida pela artista foi: OLHE PARA MIM...SCHAU MICH AN... (Fotoperformance) 2017 É uma série de fotoperformance que iniciei em fevereiro/2017, foi criada pensando na falta de visibilidade para mim enquanto mulher preta e madura.

A terceira obra escolhida pela artista foi: ÁGUA COLORIDA DE ESPERANÇA – Vídeo - 2017 (Gravado com câmara Canon) disponível no link: - <https://www.youtube.com/watch?v=sZkDExINCHg&list=PLfhHdolxBvEUWE7NSIPpkYEfo9g7qox2p&index=17> – Vídeoperformance que trabalha com a simbologia da água como geradora de esperança que chega a todos os continentes limpando-nos de preconceitos, racismo, intolerância...



PARA CONHECER MAIS:

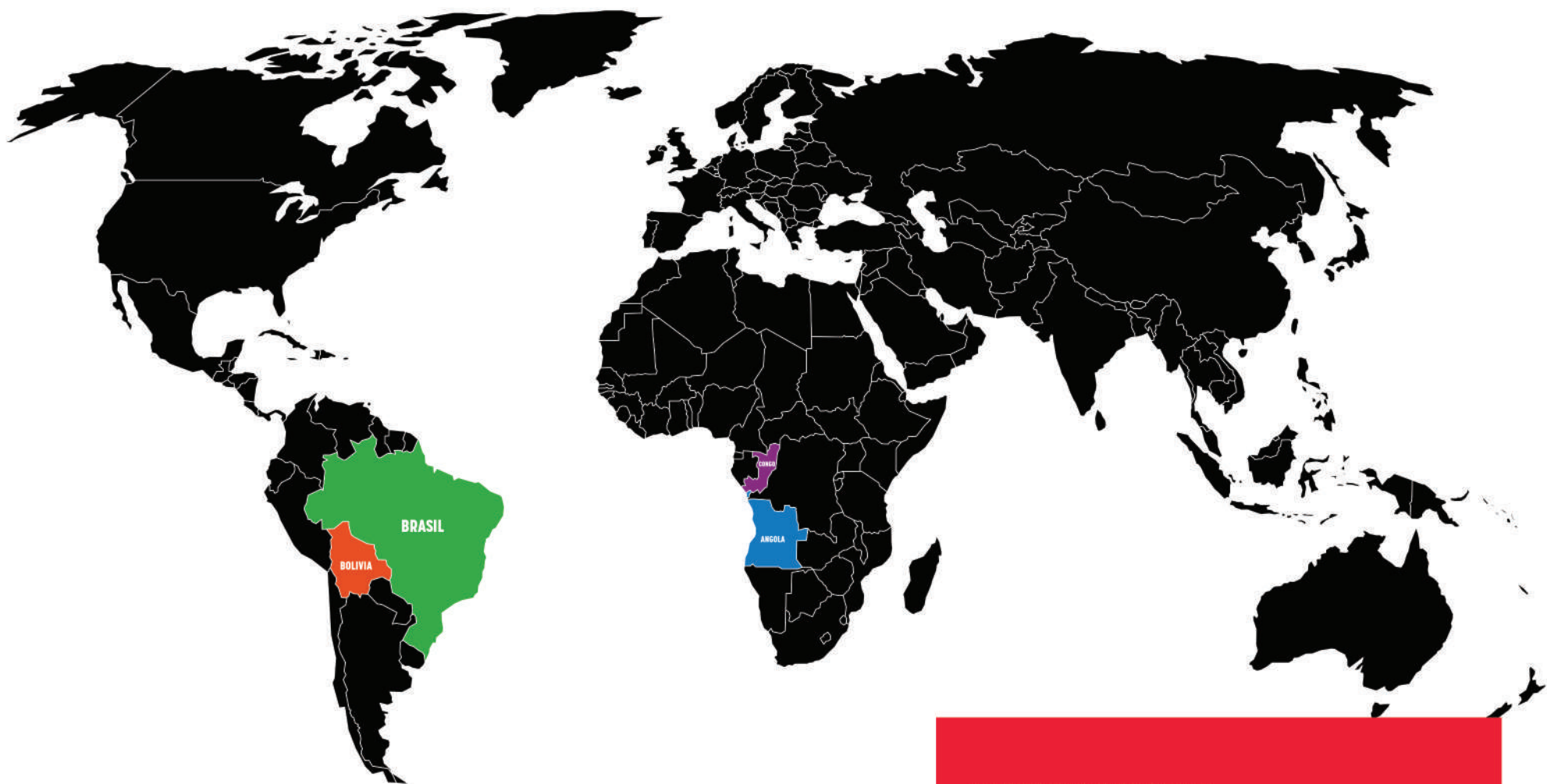
Se você gostou de conhecer um pouco sobre a vida e a obra desta artista pode acessar suas redes sociais:

Instagram: [terezinhamalaquias](#)

Site: [terezinhamalaquias.com](#)

Facebook:

[terezinhamalaquiasperformer](#)



NACIONALIDADE DOS ARTISTAS

FRANCISCA NZENZE - ANGOLA

LAVI KASONGO - REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

NATALI MAMANI - BOLÍVIA

PAULO CHAVONGA - ANGOLA

Nós, do Núcleo Educativo do Museu da Imigração, esperamos que esse material tenha sido proveitoso para você no sentido de ampliar o repertório em relação à produção artística feita por artistas migrantes e as diversas questões suscitadas por seus trabalhos e experiências de vida. Procuramos uma diversidade de nacionalidades, de vivências e de linguagens artísticas. Porém, o intuito principal foi dar visibilidade à vida e obra destes e destas artistas e que falassem em primeira pessoa.

Agradecemos a generosidade dos e das artistas que nos cederam as entrevistas e nos autorizaram a reprodução de suas obras com a esperança de que a arte se torne cada vez mais plural e que possamos cultivar uma visão sobre as questões migratórias do ponto de vista dos direitos humanos.

Até a próxima!



Visita educativa à exposição "Eu vim de lá".



Fachada do Museu

Rua Visconde de Parnaíba, 1.316, Mooca – São Paulo/SP
(11) 2692-1866 | museudaimigracao@museudaimigracao.org.br
Horário de funcionamento: de terça a sábado, das 9h às 18h,
e aos domingos das 10h às 18h. (Fechamento da bilheteria às 17h.)

REALIZAÇÃO



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa